

## OS GÊNEROS DISCURSIVOS NO PROCESSO DE ENSINO- APRENDIZAGEM: UMA ABORDAGEM TEÓRICA<sup>1</sup>

Dâmares Saldanha Toscano de Souza Gomes<sup>2</sup> (1); Tatyana Mabel Nobre Barbosa (4)

*Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGE/UFRN – CE/CONTAR/ OBEDUC/CAPES)*

[damares\\_saldanha@hotmail.com](mailto:damares_saldanha@hotmail.com) (1)

*Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGE/UFRN – CE/ CONTAR/ OBEDUC/CAPES)*

[tatyanamabel@uol.com.br](mailto:tatyanamabel@uol.com.br) (4)

### RESUMO

Abordar, na sala de aula, os gêneros discursivos como objetos de ensino-aprendizagem, deve ser uma preferência e uma decisão didática a ser tomada por cada docente comprometido com a formação integral de seu aluno, enquanto cidadão participativo em uma sociedade ativa e dinâmica, baseada na utilização da linguagem em todas as práticas cotidianas. Pensar e organizar o currículo escolar englobando o estudo e a reflexão a respeito da produção textual, precisa ser considerado algo de extrema importância e que deve ser analisado pelo corpo docente da escola. Sendo assim, este estudo tem como objetivo conhecer e refletir sobre as concepções de texto, enunciado e gêneros discursivos, conforme a teoria sóciointeracionista de Mikhail Bakhtin e discutir criticamente a respeito da inserção, dos gêneros do discurso como objeto de ensino-aprendizagem, bem como, da presença destes no currículo escolar. Trata-se de uma revisão bibliográfica baseada na literatura especializada, através de consulta a obras de autores que tratam da temática da pesquisa de mestrado da autora, tais como, Antunes (2003), Bakhtin (2011), Brasil (1997), Marcuschi (2011), Marcuschi (2008), Leite e Barbosa (2014), Schneuwly e Dolz (2011). Para tanto, estruturamos o corpo textual iniciando pela apresentação das concepções de enunciado, gêneros do discurso e texto como enunciado, na perspectiva bakhtiniana; em seguida, trazemos uma discussão a respeito dos gêneros do discurso e o processo de ensino-aprendizagem; após, falamos um pouco sobre a apropriação dos gêneros discursivos na sala de aula, por meio da produção textual e, mais adiante, discorremos sobre os gêneros do discurso e a sua presença no currículo escolar. Por meio das pesquisas realizadas nas obras científicas aqui citadas, concluímos que mudanças vêm ocorrendo no decorrer dos anos, impulsionadas pelas novas concepções e visões expostas na publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais e abandonando, aos poucos, a ideia de texto isolado, descontextualizado e abrigo apenas de aspectos linguísticos a serem estudados. Esta fase de mudanças ainda está ocorrendo e vem desenvolvendo-se de forma a causar o estímulo na produção de trabalhos científicos e obras dispostas a colaborar com a concepção sóciointeracionista de gênero discursivo que compreende tais textos como partícipes e local das relações sociais baseadas na escrita ou na oralidade. Sendo assim, percebemos que se está em busca de uma escola que considere o indivíduo em todos os seus aspectos e peculiaridades, formando-o de forma integral para uma efetiva e eficaz participação e comunicação em sociedade. Assim, o ensinar e o aprender em Língua Portuguesa, necessitam estar organizados a partir da unidade básica de ensino que é o texto e partindo dele trataremos também dos aspectos linguísticos, sempre contextualizados à situação comunicativa em questão.

**Palavras - chave:** Gêneros Discursivos; Ensino-aprendizagem; Currículo.

<sup>1</sup> Artigo resultante de revisão bibliográfica inicial com fins de embasamento teórico para pesquisa de mestrado.

<sup>2</sup> Mestranda vinculada ao Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

## **INTRODUÇÃO**

Abordar, na sala de aula, os gêneros discursivos como objetos de ensino-aprendizagem, deve ser uma preferência e uma decisão didática a ser tomada por cada docente comprometido com a formação integral de seu aluno, enquanto cidadão participativo em uma sociedade ativa e dinâmica, baseada na utilização da linguagem em todas as práticas cotidianas.

Pensar e organizar o currículo escolar englobando o estudo e a reflexão a respeito da produção textual, precisa ser considerado algo de extrema importância e que deve ser analisado pelo corpo docente da escola. Tal procedimento trará à tona a relevância de políticas escolares para a escrita, tendo em vista que conteúdos e metodologias utilizadas na instituição escolar devem estar explicitadas no Projeto Político Pedagógico (PPP) das instituições escolares, mas não somente explicitados; devem estar presentes no cotidiano da vivência do processo de ensino-aprendizagem.

Compreendemos que, conforme Marcuschi (2008), o estudo dos gêneros textuais é antigo e é impossível não comunicar-se verbalmente através de algum gênero ou verbalmente por meio de textos. Estamos assim, submetidos a uma grande variedade deles, que precisam ser levados até às práticas escolares de escrita, tendo em vista que “a apropriação dos gêneros é um mecanismo fundamental de socialização, de inserção prática nas atividades comunicativas humanas” (BRONCKART, 1999, p.103 apud MARCUSCHI, 2008, p. 154).

Sendo assim, compreendendo a importância do trabalho interdisciplinar com os variados gêneros discursivos e as suas diferentes situações comunicativas e percebendo a essencial necessidade de pensarmos a respeito desta temática, este estudo tem como objetivo, a partir de uma revisão bibliográfica baseada na literatura especializada, através de consulta a obras de autores que tratam da temática, conhecer e refletir sobre as concepções de texto, enunciado e gêneros discursivos, conforme a teoria sóciointeracionista de Mikhail Bakhtin e discutir criticamente a respeito da inserção, dos gêneros do discurso como objeto de ensino-aprendizagem, bem como, da presença destes no currículo escolar.

## **METODOLOGIA**

Como citado anteriormente, este trabalho consiste em uma revisão bibliográfica sobre a temática, com fins de embasamento teórico para pesquisa de mestrado e se dá a partir de autores

que discutem a inclusão dos gêneros do discurso na organização do trabalho pedagógico do professor, ou seja, na prática de sala de aula, bem como, e conseqüentemente, no currículo escolar.

Conforme Marconi e Lakatos (1992), a revisão bibliográfica é o levantamento da bibliografia já publicada sobre o tema a ser tratado e tem como finalidade fazer contato entre o pesquisador e o material escrito sobre determinado assunto, auxiliando o cientista nas análises da sua pesquisa.

Sendo assim, a partir das leituras realizadas, utilizamos como referencial teórico, Antunes (2003), Bakhtin (2011), Brasil (1997), Marcuschi (2011), Marcuschi (2008), Leite e Barbosa (2014), Schnewly e Dolz (2011), dentre outros. Tais referenciais, em seus estudos e/ou em seu corpo textual, focalizam a reflexão a respeito do que sejam os gêneros discursivos e como devem ser trabalhados na escola, ou seja, como precisam estar organizados nas atividades de ensino de um professor, na perspectiva de formação de um aluno-escritor, de um cidadão capaz de utilizar a escrita social e eficazmente, em seu cotidiano.

Para tanto, estruturamos o corpo textual deste artigo iniciando pela apresentação das concepções de enunciado, gêneros do discurso e texto como enunciado, na perspectiva bakhtiniana; em seguida, trazemos uma discussão a respeito dos gêneros do discurso e o processo de ensino-aprendizagem; após, falamos um pouco sobre a apropriação dos gêneros discursivos na sala de aula, por meio da produção textual e, mais adiante, discorremos sobre os gêneros do discurso e a sua presença no currículo escolar. Por fim, trazemos uma breve reflexão como resultados e conclusão do estudo bibliográfico aqui apresentado.

### **Enunciados, gêneros do discurso e texto como enunciado: concepções bakhtinianas**

Falar sobre enunciados, gêneros do discurso e texto na perspectiva bakhtiniana, é tratar de aspectos sociodiscursivos e interligados, pois

Todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem. Compreende-se perfeitamente que o caráter e as formas desse uso sejam tão multiformes quanto os campos da atividade humana, o que, é claro, não contradiz a unidade nacional de uma língua. O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas, acima de tudo por sua construção composicional. Todos esses três elementos – o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional- estão indissolúvelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da

comunicação. Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo da utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, os quais denominamos *gêneros do discurso*. (BAKHTIN, 2011, p. 261-262)

Diante disto, para Bakhtin (2011), o enunciado constitui-se como um elo na cadeia complexa e contínua da comunicação discursiva. Ele surge a partir de outros enunciados preexistentes, relaciona-se com eles, por meio de relações polêmicas, interacionais e pelas mais variadas atitudes responsivas. Sendo assim, o enunciado é único e historicamente irrepitível, pois podemos citá-lo apenas uma vez, tendo em vista que está imerso em um contexto que também não pode se repetir (tempo, interlocutores e seus conhecimentos, espaço, mensagem...).

Os gêneros do discurso, nesta perspectiva, são considerados tipos relativamente estáveis de enunciados, estruturados a partir da temática, do estilo e da composição e que não podem ser tratados separadamente das atividades humanas, pois são vivenciados nas práticas sociais, de diversas formas e nas mais variadas situações de comunicação.

São reconhecidos por seu caráter flexível e variável, tendo em vista que, apesar de serem formas estabilizadas ao longo do tempo através de atividades sociais reiteradas, possuem a peculiaridade de se transformarem conforme há transformação das atividades humanas, a fim de suprir as necessidades das relações dialógicas.

Marcuschi (2011) preconiza que os gêneros não são estruturas canônicas, imutáveis ou determinados por pressões externas, eles

São formações interativas, multimodalizadas e flexíveis de organização social e de produção de sentidos. Assim, um aspecto importante na análise do gênero é o fato de ele não ser estático nem puro. Quando ensinamos a operar com um gênero, ensinamos um modo de atuação sociodiscursiva numa cultura e não um simples modo de produção textual. (MARCUSCHI, 2011, p. 20).

O texto como enunciado, também é concebido a partir das relações dialógicas. Para Bakhtin (2011), o texto, seja ele oral ou escrito, é o ponto de partida para a realidade das vivências humanas e pode ser tratado como fenômeno linguístico, abstraindo-se o seu aspecto dialógico, social e os interlocutores ou pode ser abordado como fenômeno dialógico, individual, que não é repetível, sendo caracterizado desta forma, como um enunciado.

Assim, “Nesse tipo de abordagem, o texto é concebido a partir de sua relação viva e concreta com a comunicação discursiva, ou seja, manifestando-se num contexto social e num vínculo

dialógico com outros interlocutores/textos de uma dada esfera.”. (LEITE E BARBOSA, 2014, p. 61),

Consideraremos então, esta última concepção de texto que mostra a importância do uso dos gêneros e demais elementos que constituem as situações de produção, evidenciando, portanto, a noção de texto baseada em sua qualidade enunciativa e possuidor de uma intenção comunicativa que deve se concretizar e ser realizada.

### **Os gêneros do discurso e o processo de ensino-aprendizagem**

Tendo discutido anteriormente as principais ideias de Bakhtin sobre enunciado, gêneros do discurso e texto como enunciado, percebemos que vivemos em um meio repleto de relações dialógicas e que os gêneros discursivos estão constantemente presentes nas relações sociais, no cotidiano da escola e de fora da instituição escolar. Sendo assim, consciente ou inconscientemente, as crianças, desde pequenas, têm contato com textos que circulam no meio social, tais como, propagandas, panfletos, bilhetes, contos de fadas, textos jornalísticos, bem como, a própria interação verbal com seus pais, familiares ou professores, que constituem-se como situações comunicativas nas quais estão inseridas diariamente.

Desta forma, compreendendo a dimensão social do texto, entendemos também a linguagem como elemento importante do ensino e objeto deste no âmbito escolar, vinculando as atividades pedagógica às vivências cotidianas na sociedade, Percebemos então, a importância de não restringirmos o trabalho em sala de aula aos aspectos linguísticos do texto, pois estão articulados à dimensão social. e

A língua materna - sua composição vocabular e sua estrutura gramatical – não chega ao nosso conhecimento a partir de dicionários e gramáticas, mas de enunciações concretas que nós mesmos ouvimos e nós mesmos reproduzimos na comunicação discursiva viva com as pessoas que nos rodeiam. (BAKHTIN, 2011, p. 282-283),

Assim sendo, na sala de aula, não devemos nos deter apenas aos aspectos ortográficos e gramaticais da língua, mas abordá-los a partir de uma relação dialógica com enunciações que utilizamos na nossa realidade de interações verbais cotidianas, na prática social, priorizando a interligação entre os saberes escolares e os contextos sociais vivenciados pelos educandos.

Propomos a formação integral de um aluno que seja capaz de atuar na sociedade por meio dos textos, ou seja, dos gêneros discursivos, sabendo utilizá-los adequadamente a cada situação comunicativa, priorizando a construção de um aluno-escritor. Conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997), para a escola, como espaço de acesso ao conhecimento, é dada a responsabilidade e função de revisar a sua prática de ensino que porventura ainda considere a língua como algo sem vida e os textos como regras a serem copiadas, instituindo em lugar disto, a possibilidade de proporcionar ao aluno a aprendizagem a partir da diversidade de textos que circulam na sociedade, pois

Toda educação verdadeiramente comprometida com o exercício da cidadania precisa criar condições para o desenvolvimento da capacidade de uso eficaz da linguagem que satisfaça necessidades pessoais – que podem estar relacionadas às ações efetivas do cotidiano, à transmissão e busca de informação, ao exercício da reflexão. (BRASIL, 1997, p. 30)

Conforme este importante documento, que foi e é o divulgador de uma nova visão do ensino dos gêneros textuais, é papel da escola, proporcionar aos alunos o acesso à diversidade de textos existentes, ensinar a produzi-los e interpretá-los incluindo-se assim, textos de diferentes disciplinas que estão presentes no cotidiano escolar. Partindo-se desta metodologia de trabalho na prática docente, cabe à escola, ensinar o discente a considerar o contexto comunicativo no qual está inserido, sabendo quais variedades e registros são pertinentes a cada situação de comunicação, produzindo assim, o efeito pretendido.

Para tanto, segundo, Brasil (1997), ensinar a escrever textos se torna uma tarefa complicada quando é realizada fora da relação e ou integração com textos verdadeiros, com leitores e escritores reais e em situações em que a comunicação seja realmente necessária. Por isso, a relevante importância dada à busca por fazer circular dentro da escola textos da realidade social com um destinatário real e com uma finalidade, tendo em vista que a diversidade textual que existe além dos muros da instituição escolar, deve estar a serviço da expansão do conhecimento letrado do aluno.

Os PCN, a partir da sua publicação e divulgação, trouxe o texto como unidade de ensino. Tal perspectiva vai além da simples sequenciação de conteúdos, através da qual se ensina letras, sílabas, palavras, regras ortográficas, gramática de forma isolada, ensinando-se textos sem função comunicativa, com apenas um destinatário: o professor, sem finalidade, sem interlocutor e fora de contextos. Textos com fins apenas didáticos.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais trazem então, a proposta de produção e interpretação de textos, enfocando-os como unidade básica de ensino, ou seja, o texto é a base para a formação de um bom escritor, pois tem a característica de ser um instrumento grandioso através do qual, ensina-se a viver em sociedade e a partir dele, enfoca-se os aspectos linguísticos, sempre conforme a necessidade apresentada para a elaboração textual, em determinado contexto de produção.

Leite e Barbosa (2014) preconizam que sendo a sala de aula um local de interação verbal, o texto é o lugar onde se materializa as relações dialógicas que acontecem entre professor e aluno. É possível perceber então que a produção de texto enquanto diálogo é uma atividade produtora de sentidos, contrariando concepções anteriores que traziam o texto como “[...] mero estoque de palavras ou de regras gramaticais/ortográficas que somente visam à fixação de uma escrita correta, mas sim uma prática que permite ao aluno articular pontos de vista com seus possíveis interlocutores, constituindo sentidos que não preexistem à interlocução.” (LEITE E BARBOSA, 2014, p. 65).

Neste enfoque, para que o discente produza um texto de forma espontânea, verdadeira, adequada e com entusiasmo, é necessário que ele saiba o que tem a dizer, tenha um motivo para dizer o que quer falar e tenha para quem dizer o que quer falar. Serão definidos assim, os possíveis ou reais interlocutores do texto, o aluno terá propósitos claros de produção, destinatário real e a prática de produção textual abandonará a escrita mediante objetivos meramente escolares: escrever para aprender, para obter nota ou simplesmente para atender a uma solicitação do professor – muitas vezes, único leitor dos textos produzidos na sala de aula.

Diante disto, os gêneros do discurso como norteadores do ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa colaboram para a formação de um aluno-escritor e leva-o à socialização das práticas de linguagem na escola e em outras situações de comunicação. Consoante Leite e Barbosa (2014) então, o trabalho com os gêneros traz a oportunidade de fazer a associação entre a escrita e a vida em sociedade, baseada na concepção dialógica da linguagem conforme é explicitada por Bakhtin.

O objetivo desta prática nas salas de aula, de forma interdisciplinar, é proporcionar ao corpo discente o domínio dos variados gêneros e, para tanto, o professor precisa estar atento às decisões didáticas que fará, as atividades que escolherá, buscando trazer aos estudantes situações de escrita o mais próximas possível da situação original de produção do gênero do discurso escolhido e fazendo-os compreender e refletir que na produção de texto é preciso considerar: quem escreve, para quem, com qual finalidade, em qual contexto, em que suporte, qual o estilo de linguagem que será utilizado...

Antunes (2003) discorre dizendo que, no que se refere às atividades com a escrita, ainda é possível perceber um processo de aquisição que não considera a interferência do sujeito aprendente; a prática de escrita mecânica e centrada nas habilidades motoras ou na memorização de regras ortográficas; a prática de escrita artificial, com criação de listas e frases descontextualizadas, por exemplo; a prática de escrita sem função nem valor interacional e, por fim, a prática de uma escrita improvisada, que não é planejada nem revisada.

Diante disto, faz-se necessário dar continuidade ao processo de transformação desta realidade e, para tanto, é indispensável uma ação “[...] *ampla, fundamentada, planejada, sistemática e participada* (das políticas públicas – federais, estaduais e municipais – dos professores como classe e de cada professor em particular) (ANTUNES, 2003, p. 33-34), a fim de se conseguir organizar uma escola que cumpra o papel social que lhe é inerente de capacitar os indivíduos para o exercício pleno da cidadania.

Para tanto, a escola, os seus professores, devem refletir sobre quais as suas concepções, prioridades, objetivos, procedimentos metodológicos utilizados, a fim de ampliar as competências comunicativas do aluno. E isso se dará, por meio da organização do trabalho em torno dos gêneros textuais, estruturando o ensino de língua portuguesa e das demais disciplinas a partir da produção de texto voltada para a formação de um estudante capaz de comunicar-se adequadamente e de forma eficaz.

### **A produção de texto na sala de aula: apropriação dos gêneros do discurso**

Como viemos discorrendo até aqui, os gêneros textuais devem ser objeto de ensino-aprendizagem. É primordial ressaltar que este trabalho que deve ser contínuo e em todos os níveis de escolaridade, precisa ser organizado de forma sistemática e responsável, para que não se torne apenas um amontoado de informações não refletidas, mal compreendidas e desconexas.

Sendo assim, o docente deve compreender que para um texto ser escrito, ou melhor, bem escrito, não basta apenas a decodificação das ideias, mas é imprescindível o planejamento, a revisão e a reescrita. “A natureza interativa da escrita impõe esses diferentes momentos, esse vaivém de procedimentos, cada um implicando análises e diferentes decisões de alguém que é sujeito, que é autor de um dizer e de um fazer, para outro ou outros sujeitos, também ativos e cooperantes.” (ANTUNES, 2003, p. 56). A escrita então, deve considerar sim, os aspectos linguísticos, mas para cumprir a função comunicativa à qual o texto está destinado, atentando para a coesão e a coerência

necessárias para que haja uma verdadeira situação de comunicação interlocução entre pessoas, entre textos e contextos.

Indo um pouco mais adiante, Antunes (2003) preconiza que o professor em sua sala de aula, seja na aula de português ou em outro componente curricular, deve realizar intervenções a fim de que haja:

Uma escrita de autoria dos alunos: que estes sintam-se sujeitos de um dizer que circula na escola, superando a única condição de leitores do que foi produzido e exercitando a participação social pela escrita;
Uma escrita de textos: que estabeleça vínculos comunicativos, relacionando-se com o ambiente social em que os alunos estão inseridos;
Uma escrita de textos socialmente relevantes: correspondentes aos diferentes usos sociais da escrita, ao que é produzido na sociedade em geral e não somente dentro da escola;
Uma escrita funcionalmente diversificada: ensinar que há diferenças nas escolhas das palavras, na estrutura sintática das orações e dos períodos, dependendo da função que o texto tem a cumprir;
Uma escrita de textos que tem leitores: os textos são ações da linguagem e devem ter algum destinatário real e diversificado;
Uma escrita contextualmente adequada: o texto deve estar adequado à situação comunicativa na qual está inserido;
Uma escrita metodologicamente adequada: os alunos devem ter tempo para planejar e construir seus textos e habituar-se a estes procedimentos;
Uma escrita orientada para a coerência global: atentar para os aspectos de organização e compreensão do texto, sentido, relevância do que é dito, adequação das expressões, dentre outros aspectos;
Uma escrita adequada também em sua forma de apresentar: estar atento aos aspectos ortográficos, sinais de pontuação, organizando-os em estreita relação com a coerência e o valor informativo e expressivo do texto.

Assim sendo, na escola, a produção de textos deve buscar trazer aos alunos a compreensão e prática real de escrita, proporcionando a compreensão de qual seja a verdadeira função dos textos na sociedade.

### **Os gêneros discursivos e o currículo escolar**

Tratando-se das práticas docentes em torno do ensino dos gêneros textuais na escola, é primordial que pensemos a inserção desta forma de trabalho no currículo escolar. Ao citar tal currículo, enfatizamos não somente os planejamentos de aulas semanais dos professores ou o Plano Anual para determinada série. Ao discorrermos sobre o currículo vamos além, apresentando a necessidade de inclusão e prática destes conteúdos a partir da explicitação das estratégias no Projeto Político Pedagógico da instituição escolar (PPP).

Ao ser enfatizado no PPP, importante documento que norteia a vida escolar por meio de referenciais teórico-metodológicos, estaremos considerando políticas escolares para a escrita,

buscando afirmar a ênfase dada nos últimos anos a uma educação que busque formar indivíduos capazes de comunicar-se com eficiência, por meio dos gêneros do discurso.

Sendo assim, Leite e Barbosa (2014) preconizam que é válido ressaltar que a inserção dos gêneros como objeto de ensino reproduzirá as práticas sociais, tais como elas são, dentro da sala de aula. No entanto, é preciso adaptá-las às características intrínsecas à escola e buscar aproximar o máximo possível da realidade social.

É importante, pois, que o professor reflita e questione-se sobre “[...] o que merece ser privilegiado: quais gêneros escolher para trabalhar em sala de aula? Quais são os mais relevantes em cada nível de ensino? Como organizá-los ao longo de cada ano letivo? Quais critérios podem ser organizados para fazer essa organização?” (LEITE E BARBOSA, 2014, p. 71). Pensando assim, o educador estará preocupando-se em formar os alunos de forma integral e responsável.

Alguns autores trazem sugestões de forma de organização do trabalho com os gêneros discursivos no currículo escolar, a fim de que o corpo discente conheça, aprecie, compreenda e produza tais textos, na escola e fora dela, percebendo que os gêneros discursivos estão interrelacionados. Dentre estas maneiras, está a citada por Schnewly e Dolz (2011), que consiste na progressão temporal do ensino, seja na divisão dos gêneros entre os diferentes ciclos do ensino ou o tratamento de um mesmo gênero em diferentes ciclos em forma de espiral, ou seja, continuamente, elevando, pouco a pouco, o nível de complexidade. Este trabalho se dá por meio de agrupamentos não cristalizados dos gêneros, tomando como critérios as características comuns entre eles.

Tendo em vista que, esta metodologia de trabalho é uma sugestão, cabe à escola organizá-lo conforme as suas necessidades, sempre pondo como essencial a apresentação de desafios novos aos alunos e considerando as propostas lançadas nos Parâmetros Curriculares Nacionais para a Língua Portuguesa que também trazem sugestões de gêneros adequados para o ensino da linguagem escrita para o 1º e 2º ciclos do Ensino Fundamental, propondo a abordagem de diferentes e variados gêneros discursivos adequando-se o grau de complexidade dos objetivos do processo de ensino-aprendizagem ao nível de desenvolvimento dos estudantes.

Assim, o gênero discursivo deve estar presente no currículo, pois compreendemos que “[...] é utilizado como meio de articulação entre as práticas sociais e os objetos escolares[...]” (SCHNEWLY E DOLZ, 2011, p. 71), a fim de trazer ao aluno o entendimento da realidade social alicerçada na linguagem escrita por meio de textos diversos.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A partir da leitura de diversos textos, autores que versam sobre a temática tratada aqui neste trabalho, realizamos um levantamento bibliográfico, referencial teórico que trata dos gêneros textuais no processo de ensino-aprendizagem.

Os estudos apontaram, por meio da revisão bibliográfica e do entrelaçamento das leituras feitas, dos textos pesquisados e trazidos à reflexão, que mudanças vêm ocorrendo no decorrer dos anos, principalmente a partir dos anos de 1990, impulsionadas pelas novas concepções e visões expostas na publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais e abandonando, aos poucos, a ideia de texto isolado, descontextualizado e abrigo apenas de aspectos linguísticos a serem estudados.

Esta fase de mudanças ainda está ocorrendo e vem desenvolvendo-se de forma a causar o estímulo na produção de trabalhos científicos e obras dispostas a colaborar com a concepção sociointeracionista de gênero discursivo que compreende tais textos como partícipes e local das relações sociais baseadas na escrita ou na oralidade. Sendo assim, percebemos que os textos citados, bem como as reflexões realizadas ao longo deste artigo, mostram que se está em busca de uma escola que considere o indivíduo em todos os seus aspectos e peculiaridades, formando-o de forma integral para uma efetiva e eficaz participação em sociedade.

Para tanto, os gêneros discursivos devem estar presentes no processo de ensino-aprendizagem, precisam ser considerados nos Projetos Político Pedagógicos das escolas e devem ser ensinados de maneira que a partir do estudo deles, na sala de aula, o aluno seja capaz de comunicar-se adequadamente na sociedade, utilizando a escrita ou oralidade de forma eficiente. O ensinar e o aprender em Língua Portuguesa, necessitam então, estar organizados a partir da unidade básica de ensino que é o texto e partindo dele trataremos também dos aspectos linguísticos, sempre contextualizados à situação comunicativa em questão.

## **CONCLUSÕES**

Diante do que foi exposto, percebemos a importância de compreendermos os conceitos bakhtinianos de enunciado, gênero do discurso e texto como enunciado, bem como entendermos como os gêneros discursivos podem estar inseridos no processo de ensino-aprendizagem, no currículo, nas práticas de produção textual realizadas em sala de aula e que são, ou melhor, precisam ser reflexo das práticas de escrita organizadas e estabelecidas para além dos portões das instituições escolares.

É imprescindível que os docentes de uma escola tragam à tona a reflexão sobre a sua práxis profissional, enquanto professor comprometido com a sociedade e com a formação de cidadãos

participativos, que desenvolvam o senso de criticidade e atuem no meio em que convive de forma eficiente, conseguindo comunicar-se com eficácia. Para tanto, faz-se necessário também considerar nos documentos escolares a efetiva organização do ensino de Língua Portuguesa, bem como dos outros componentes curriculares, tendo o texto como unidade básica de ensino conforme preveem e promulgam os PCNs.

Portanto, “Escrever na escola deve ser visto [...] como uma ação interlocutiva para aprender, refletir, sentir e viver, no direito de dizer sua palavra, numa consciência dialogada com o mundo da vida. (LEITE E BARBOSA, 2014, p. 83).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003. (Série Aula; 1)

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução: Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa**. Ensino Fundamental Brasília: MEC/SEF, 1997. 144p.

LEITE, Lucila Carvalho; BARBOSA, Tatyana Mabel Nobre. **Cartografia da produção textual: livros didáticos, gêneros do discurso, políticas e indicadores**. Natal: EDUFRN, 2014. (CONTAR – Linguagens e Educação Básica).

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico**. 4 ed. São Paulo: Editora Atlas, 1992.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In: KARWOSKI, Acir Mário; GAYDECZKA, Beatriz; BRITO, Karim Siebeneicher (org.). **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. 4 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. (Estratégias de Ensino; 25).p. 17-32.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008, 296p. (Educação linguística; 2).

SCHNEWLY, Bernard; DOLZ Joaquim. Os gêneros escolares: das práticas de linguagem ao objeto de ensino. In: SCHNEWLY, Bernard; DOLZ Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução: Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. 3 ed. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011. p.71-91.